

A INVESTIGAÇÃO GRÁFICA COMO PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DOS DESENHOS INFANTIS

GRAPHIC RESEARCH AS A PROPOSAL FOR EXPANDING CHILDREN'S DRAWINGS

Lidiani Dall'Osto

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v4i1.186>

Recebido em: 01.03.2023

Aceito em: 18.05.2023

Resumo: Quando olhamos para o desenho de uma criança, o que vemos? Além do traçado, capacidade de representação gráfica, estereótipos, utilização do espaço do material ofertado (folha, tecidos, muros...); além da observação visual, o que carrega um registro infantil? Crianças criam teorias sobre o mundo. Teorias sobre fenômenos que as inquietam, que fazem parte da rotina e despertam interesse pelo extraordinário que reside nas ações do cotidiano. Quando desenha, traz para seu registro, seu pensamento, e graficamente começa a traduzir a dar visibilidade a suas significações. Mas aqui, especificamente, neste artigo, falaremos sobre os registros gráficos das crianças que deixam de revelar o pensamento e construção de raciocínio infantil sobre determinada temática, quando o desenho passa a reproduzir estereótipos destinados aos adultos; como fugir desta situação? Assim, surge a possibilidade da investigação gráfica, como uma estratégia permitindo às crianças ampliarem e refletirem sobre seus desenhos e suas possibilidades de registrar.

Palavras-chave: Criança. Desenho. Estereótipos. Investigação gráfica.

Abstract: When we look at a child's drawing, what do we see? In addition to the lines, graphic representation skills, stereotypes, and use of the space offered by the materials (paper, fabrics, walls...), what else does it carry that is childlike? Children create theories about the world. Theories about phenomena that bother them, that are part of their routine and awaken interest in the extraordinary that resides in everyday actions. When they draw, they bring their thoughts to their record and graphically begin to translate and give visibility to their meanings. But here, specifically in this article, we will talk about the graphic records of children that fail to reveal the thinking and construction of children's reasoning on a particular theme when the drawing begins to reproduce stereotypes intended for adults; how to avoid this situation? Thus arises the possibility of graphic investigation as a strategy allowing children to expand and reflect on their drawings and their possibilities of recording.

Keywords: Child. Drawing. Stereotypes. Graphic investigation.



1 Introdução

Derdik (2020, p. 28) afirma que “desenhar é conhecer, é apropriar-se.” A curiosidade está ligada a vida das crianças e existe uma inquietação em tentar compreender teorias e descobertas, oportunizando que muitas testagens, experimentações e vivências levem as crianças a utilizarem uma das suas linguagens de comunicação que mais alcança a interpretação dos adultos, a linguagem do desenho.

Então generosamente, desenham seus percursos e aprendizagens na tentativa de comunicar suas hipóteses provisórias e possíveis. A criança quando desenha, traz para o seu registro seu pensamento, e graficamente começa a traduzir a dar visibilidade a suas significações. Um desenho, não necessariamente diz sobre algo, pode simplesmente ser uma marca, rabisco, uma mancha sem intencionalidade, afinal, os desenhos infantis não envolvem somente a relação mão, olho, papel e riscante... é um corpo inteiro na ação que está envolvido.

Mas aqui, especificamente, neste relato de experiência, gostaria de falar sobre os registros gráficos das crianças que deixam de revelar o pensamento e construção de raciocínio infantil sobre determinada temática, quando o desenho passa a reproduzir estereótipos destinados aos adultos; como fugir desta situação?

A curiosidade e os contextos de experimentação movem a aprendizagem. Perguntas, afirmações, certezas e dúvidas fazem parte do processo de aprendizagem de todos, mas as crianças, por serem curiosas por saber e conhecer o mundo, a vida, as coisas, sentem-se a vontade de construir relações entre seus objetos de interesse de aprendizagem e seus registros gráficos. Quando desenha está pensando e não simplesmente representando. E por onde passam estes pensamentos infantis? Diefenthäler (2021, p.150) fala sobre a criatividade, sendo esta entendida como “a oportunidade de olhar diferente para o que percebemos sempre da mesma maneira”.

Um registro infantil é carregado de símbolos e amplas e complexas linhas de pensamento, revelando a importância que se tem em marcar com lápis, canetas, ou outros riscantes, o que se pensa, deixando “escrita” sua contribuição ao seu mundo de interesse.

Porém inúmeras vezes nos deparamos com crianças que passam a usar o desenho como fórmulas a serem repetidas e repetidas incontáveis vezes. Enquanto educadores precisamos “evitar a perda do maravilhamento e da curiosidade das crianças quando olham as coisas, evitar padronizar as suas reações” (VECCHI, 2017, p.67). Que passam longe da criatividade impossibilitando que seus registros deixem sua marca e potência, somente repetindo estereótipos que muito precocemente entendem como um resultado positivo ao mundo adulto que de tudo lhe cobra uma resposta certa. Resposta que o adulto aprove, reconheça e valide.

Como deixamos isso acontecer em nossas escolas? Percebemos esse silenciamento criativo e repetições estereotipadas em desenhos na etapa da Educação Infantil? Existe possibilidade de romper com essa realidade?

Existem possibilidades que facilitem ao educador deixar que a curiosidade genuína infantil possa ser registrada graficamente? Conseguimos olhar atenta e sensivelmente os processos que um registro infantil carrega valorizando o percurso e não o resultado final estereotipado?

Desta maneira, este relato de experiência acontece a partir do encontro com uma criança que se sente incapaz de produzir desenhos que desafiam o criar espontâneo, e que a partir de

sessões de uma investigação gráfica, sentiu-se convidada a olhar para seu desenho e refletir sobre este. A investigação gráfica aqui, não tem a intenção de avaliar o desenho, de construir etapas e fases formais para que ocorra um “aperfeiçoamento” do registro infantil, mas sim, de oportunizar encontros com um objeto a ser registrado que faça parte de seu dia a dia na escola e que possibilite romper com o estereótipo de desenhos de casa, marca presente nos registros da criança observada.

2 A investigação gráfica como proposta de ampliação dos desenhos infantis

É comum que propostas de desenho deixem em pânico alunos e professores, que sempre dizem não saber desenhar. Ao observarmos os desenhos de adultos em geral, percebemos que são bastante infantis. Isso acontece porque essas pessoas pararam de desenhar quando ainda eram crianças. (BARBIERI, 2012, p. 89).

Ao me deparar com inquietações de colegas professores, sobre os desenhos infantis seguirem padrões, inquietei-me com o porquê dessas repetições. Por que desde pequenas, as crianças seguem estereótipos para desenhar? E mais, como poderia oportunizar a ampliação de registros gráficos fugindo das repetições?

Nós, enquanto crianças, aprendemos a desenhar casas com telhado triangular, corpo da casa quadrado e quando éramos criativos colocávamos umas janelinhas redondas, apelo clássico em nossos desenhos. Mas, ao passar de tantos anos em que saímos da posição de estudantes, hoje enquanto educadores, ainda nos deparamos com crianças que reproduzem aquele estereótipo de casa inclusive você que lê este texto agora, não desenha esta “casinha”? Esse encontro me levou a inquietações e perguntas sobre o desenho infantil.

Eis que surge a investigação gráfica. Caminho junto das crianças, para que em pequenos grupos consigam observar um objeto de sua rotina e contato, para posteriormente oportunizar momentos em que utilizando a linguagem do desenho, pudessem ir ampliando gradativamente a sua interpretação e capacidade de registro gráfico. Estas propostas foram pensadas para caminharem atentas e valorizarem a criatividade e espontaneidade dos desenhos das crianças.

2.1 Metodologia utilizada para esta pesquisa

O relato de experiência evidenciado neste texto, vem ao encontro com o que propõem as pesquisas qualitativas em educação, sendo esta compreendida como possibilidades de criar processos reflexivos sobre a prática, aqui, neste contexto, a partir dos desenhos propostos por nós educadores, contribuindo na reflexão e ressignificação das crianças, após a vivência da investigação gráfica. Dessa maneira, ouvir a professora, suas reflexões sobre uma criança e seus desenhos estereotipados e deixar que esta escuta possibilitasse encontros diretos, afetivos e trocas com as crianças, possibilitou que a pesquisa ampliasse a discussão referente a reflexão: como ampliar os registros gráficos das crianças, ampliando e valorizando seu repertório e criatividade ao desenhar.

Esta proposta de investigação gráfica apresentou para as crianças quatro sessões. A Primeira Sessão foi: Desenho de Memória (a partir de suas lembranças estabelecer um registro gráfico);

Segunda Sessão: Desenho a partir de fotografia do objeto selecionado (a partir da visualização de uma fotografia provocar a observação de diferentes detalhes e aspectos do objeto selecionado); Terceira Sessão: Desenho de Observação junto do objeto observado (levar as crianças até o objeto escolhido, e a partir de interação no local, oportunizar o desenho); Quarta Sessão: Desenho de Memória (ao final de todo esse processo, após diferentes possibilidades de encontro com o objeto, deixar que a criança expresse sua construção a partir das memórias criadas durante o percurso da investigação gráfica.)

Para uma reflexão sobre o percurso de investigação gráfica, foi selecionada uma criança específica, que aqui será relatada com o nome fictício de “Pedro”, pois posteriormente, esta escrita tende a retornar para a escola e há a necessidade de não expor especificamente a criança, evitando que se crie pré-conceitos e pré-julgamentos a respeito da criança, estabelecendo os valores de ética com pesquisas, principalmente neste caso com a criança que gentilmente contribuiu com suas falas e desenhos. Pedro, foi escolhido por sugestão da professora que observa em seus desenhos muitos traços estereotipados, inquietando aos educadores que tem acesso a seus desenhos e produções gráficas

2.2 Ponto de partida: a escolha do objeto a ser observado e desenhado.

Ao observar as crianças em suas brincadeiras na pracinha da escola, é incontestável o interesse delas em estar no espaço da “casinha da árvore”. Muitas brincadeiras, acontecimentos, jogos simbólicos, aprendizagens e até “conflitos” surgem nos momentos em que acontece a exploração deste brinquedo no espaço externo da nossa escola.

Figura 1 – Casa da árvore



É importante ressaltar que a casinha não é construída em uma árvore, porém gentilmente a natureza fez sua parte e preencheu os espaços da “casa alta” (como inicialmente era nomeada pelas crianças). Os galhos do Ingá, a sombra, as folhas e os frutos invadem a casinha e permitem

que o espaço seja renomeado e readaptado para “casinha da árvore”. Neste espaço, em sua parte superior (2º piso) as crianças têm construído fortes de guerra, casinhas que representam casas padrão, esconderijos, local secreto e de segredos (longe das professoras e dos colegas pequenos que “*tem medo de subir lá em cima*”), local apropriado para diferentes e diversificadas brincadeiras, que diariamente é ocupado pelas crianças. Este é um espaço, um material de investigação que implica nas brincadeiras e jogos da rotina das crianças.

Em geral, o encontro entre crianças e o material é riquíssimo de sugestões, memórias, significados, sem que sejam necessárias muitas intervenções por parte do professor. As crianças, vasculhando entre materiais, recordam, escolhem, interpretam, conectam facilmente certo material com percepções da experiência real. (VECCHI, 2017, p.65)

A partir de tantas significativas experiências e trocas que este espaço apresenta, ele foi selecionado para as sessões de investigação gráfica.

2.3 A Escolha de Pedro

Por que desta escolha? Em conversa com a professora da turma, surgiu uma preocupação em relação aos registros do Pedro (5 anos e 11 meses), pois antes desta proposta do desenho de observação, era uma questão que a inquietava e foi trazida até mim enquanto coordenadora pedagógica: “*o Pedro tem um desenho restrito e extremamente estereotipado...lindo seu traçado, mas tem sempre o sol, uma árvore, uma casa com triângulo e retângulo... mesmo que a proposta seja representar uma brincadeira de roda, lá estão os elementos estereotipados e que não pertenciam a cena a ser representada graficamente*”.

E como Pedro chegou na pré-escola com essa característica em seu grafismo? Derdik aponta que “*esbarramos de leve na questão da formação do educador, incipiente e deficitária*” (2020, p.21). Nós professores precisamos compreender nossas dificuldades e mazelas que trazemos desde a nossa formação docente, e por estas faltas e imperfeições se escancara uma grande dificuldade que encontramos em proporcionar a linguagem do desenho para as crianças na escola. Porém não podemos nos conformar com esta situação, como afirma Derdik:

Neste momento faz-se importante que a vivência prática propicia ao educador mais perguntas, confrontos e espelhamentos, delineando possibilidades expressivas, principalmente quando se tem à mão novos repertórios gráficos, que atualizam e preenchem esses vácuos em nossa formação. (2020, p.21)

Então, ao ter que escolher um grupo de crianças para participar deste momento, uma das escolhidas foi Pedro, pelo desejo de observar mais de perto essa sua característica gráfica e também por acreditar que a partir deste tipo de vivência, da investigação gráfica, poderia perceber as possibilidades de ampliar seus registros e fugir dos padrões que estava mecanicamente representando.

2.4 Primeira sessão: Desenho de memória

1 Contexto: Sala da turma

2 Material disponibilizado para esta etapa: lápis grafite e folha ofício branca, tamanho A4.

3 Relato da observação

Apresentei às crianças a proposta em que participariam, em um momento de tira dúvidas que poderiam surgir no percurso da vivência. Também conversamos sobre o objeto da investigação gráfica: “A casinha da árvore” (o que gostam nela como ela é/ características que lembravam/ cores...), de maneira a colocá-los a par de cada passo das quatro sessões, respeitando a decisão de participar individual das crianças. O grupo permaneceu nas crianças convidadas, que generosamente aceitaram curiosas a proposta, suas etapas, os materiais que iriam utilizar concordando em filmar todas nossas sessões.

A primeira sessão seria de um desenho de memória da casinha da árvore.

O desenho de memória ativa nossa experiência estética; colocamos em nossos desenhos o que queremos evidenciar sobre os objetos ou personagens, procurando destacar os traços que julgamos mais importantes. O desenho de memória é uma forma de representação simbólica, não representa necessariamente o aspecto aparente, mas como cada um vê ou como interpreta o que vê. (BARBIERI, 2012, p.100)

Assim, acreditando que o desenho de memória fosse iniciar esse processo de investigação gráfica, partindo do conhecido, do vivido e experimentado do Pedro naquele espaço da casinha árvore, iniciou-se a sessão.

Organizados na mesa começamos a conversar sobre o desenho de memória. Que deveriam desenhar a casinha da árvore a partir de suas lembranças de como era a casinha da árvore.

O que não pode faltar neste desenho?

Pedro rapidamente responde: “- *O telhado!*” E sugere: “- *Podemos olhar pela janela para desenhar!*”

Saliento para as que neste momento o desenho deverá ser feito a partir das lembranças, da memória que tinham sobre a casinha. De como lembravam das experiências que tinham ao explorar a casinha, de quais eram os pontos importantes de serem representados a partir de suas vivências com o objeto de nossa investigação.

Muito do que estava sendo desenhado era a interpretação das crianças sobre sua relação com a casinha da árvore, não é somente o objeto em si, mas o seu conceito, a maneira como ele dialogava com esse espaço e como poderia representar através da linguagem do desenho essa relação.

O desenho vai sendo ampliado e ganhando detalhes, os quais são explicados a mim a todo o momento, como que justificando os traços que vão marcando a folha. As crianças são generosas com os adultos, elas percebem nossa necessidade de compreender as coisas e buscam explicar os percursos e decisões que tomam durante seu registro gráfico.

Pedro registrou o que lhe era marcante e significativo na casa. As linhas retas e estereotipadas, mesmo que não apareciam verdadeiramente no objeto de pesquisa, eram as referências que ele

trazia. BARBIERI traz que “Quando se desenha, a ideia se torna mais concreta, vem ao mundo, e podemos olhar para ela.” (2012, p.89). E foi isso que aconteceu nessa primeira sessão com Pedro.

Em um primeiro registro, no qual foi proposto o desenho da casinha da árvore a partir de suas memórias, demonstrou grande concentração observando as falas dos colegas, mas pouco participando desse momento. O registro da casa ficou pronto, seguindo os padrões de casa quadrada com telhado triangular, e ao finaliza-lo, olha novamente a sua folha, como quem percebe que falta algo e rapidamente representa um sol. A árvore seguiu padrões estereotipados e ao entregar a folha conclui:

“- Acabei, agora ficou bom!”

Para ele ficar bom dependia do sol. Por quê?

A arte precisa ser vivida, precisa fazer parte dos contextos, das escolhas, da forma de ver e perceber o mundo. Precisamos experimentar a arte. Entender e conhecer nossos processos de criação, para talvez entendermos e compreendermos os processos de criação das crianças. (DIEFENTHÄLER, p.137, 2021)

Pedro já revela em sua fala que entende que, na escola, os adultos gostam de desenhar sol, que ele entende que aquilo é bonito, como um bom “aluno” gostaria de reproduzir, por afeto que tinha pela educadora, algo que a deixasse feliz. Novamente, as crianças são generosas com os adultos.

Veja o desenho de Pedro de Pedro a partir desta sessão:

Figura 2 – Primeira sessão: desenho de memória



Fonte: Arquivo pessoal. Pedro, agosto/2021.

1.5 Segunda sessão: Desenho de observação a partir de fotografia

1 Contexto: Sala da turma

2 Materiais disponibilizados: caneta retroprojeter, folha ofício branca e fotografia da casinha da árvore.

3 Relato da observação.

Foi apresentada a fotografia da casa da árvore para as crianças e explicado que o registro solicitado seria a partir de observação daquela fotografia. Quando observaram a imagem, surgiu um questionamento de Pedro:

“-Profe, a casinha da foto é colorida, hoje vamos poder pintar o desenho?”

O objetivo da investigação gráfica que organizei para a investigação gráfica não permitia que as crianças usassem cores, porque entendo que isso poderia mudar o foco do que estava sendo investigado. O desenho deveria buscava enfatizar e refletir sobre a capacidade da ampliação do grafismo e não na repetição das cores que a fotografia apresentava. O foco era o desenho, os traços e não a habilidade na pintura.

O recurso da fotografia traz para Pedro o início de suas tentativas de ampliação de repertório em seus desenhos. Nesta etapa do desenho, aconteceram minhas intervenções, na tentativa de apontar questionamentos para oportunizar um olhar reflexivo sobre a casa, o telhado, e a árvore... elementos que se destacam nos desenhos e também nas falas das crianças que participam da investigação.

Ao olhar a fotografia Pedro destaca: “-São quatro pilares embaixo!”

Ao longo da sessão, observo que o desenho da casa passa a seguir novamente estereótipos de casas com telhados triangulares. Chamo a atenção:

“-Olhem a fotografia, o telhado da casa está aparecendo?”

Faço este questionamento devido a fotografia não revelar a o telhado, pois os galhos da árvore cobrem de folhas a casinha.

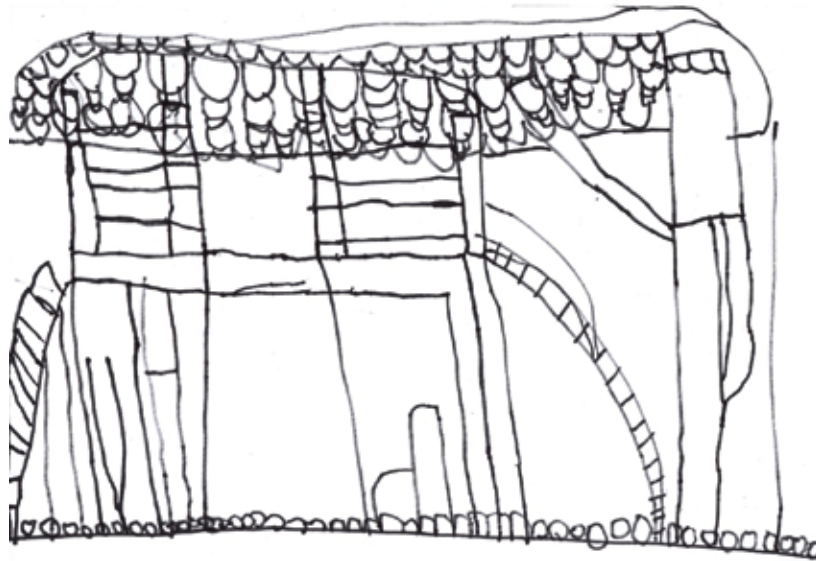
Pedro constata: “-As folhas são o telhado! Telhado de folhas!”

Nesta sessão Pedro observa que o telhado é coberto por folhas, e após desenhá-lo, cria uma possibilidade de cobri-lo com os galhos da árvore que representa. Ao chão da casinha, desenha figuras em forma de círculos: “-O que é isso Pedro?” “-São as pedrinhas do chão...” revelando sensibilidade e desejo em registrar diferentes detalhes da fotografia. DERDIK traz que “...ao acabar o desenho, geralmente a criança para e olha o que fez: a ação registrada, a cena representada, a fantasia concretizada. O resultado também é importante para a criança”. (2020, p,62)

Aqui, nesta sessão, o telhado em formato triangular desaparece. A casinha da árvore ganha sua cobertura natural, que são os galhos e folhas. Pedro atento a fotografia percebeu seu registro e organizou sua representação gráfica. A fotografia foi um instrumento que despertou o início de um olhar focado na casinha observada e não em casas padrões que antes Pedro insistia em representar.

Observe o desenho do Pedro, detalhes significativos começam a surgir e tomar espaço em sua produção.

Figura 3 – Desenho segunda sessão



Fonte: Arquivo pessoal. Pedro, agosto/2021.

1.6 Terceira sessão: Desenho de observação junto do objeto observado.

1 contexto: Praça da escola

2 Material disponibilizado: caneta de retroprojektor, folha A4.

3 Relato da observação:

A terceira sessão aconteceu com uma observação presencial da casa da árvore. As crianças vão até a casinha. Primeiro, antes de desenhar, sobem na casinha, tocam na madeira e até arrancam e cheiram as folhas da árvore. Estabelecem contato direto com o objeto que está desafiando a linguagem do desenho. Eles têm tempo para brincar naquele espaço.

Nesta representação Pedro surpreende com os detalhes que representa. Ao iniciar seu desenho preocupa-se com as marcas que a madeira dos pilares apresenta, identificando-as com “X”. Ao iniciar o registro da árvore, pega uma folha da árvore para observar mais de perto, e a partir desta investigação começa a registrar as folhas seguindo um padrão por ele estabelecido, que evidenciam as nervuras das folhas. Fica tão concentrado nesse padrão que estabeleceu, que começa a contar cada linha que traça para que todas as folhas sejam parecidas.

Barbieri aponta que:

Fazer um desenho de observação não é reproduzir o que está sendo observado, mas tornar visível o que os olhos de cada criança selecionaram como importante no observado. Dessa forma, cada desenho é uma expressão pessoal. (BARBIERI, 2012, p. 101).

O desenho de Pedro revela uma criação singular, em que os estereótipos aos poucos deixam de aparecer majoritariamente e a casa da árvore passa a ter a representação a partir de seu olhar, revela sua interpretação e suas percepções.

As folhas e seus padrões naturais reconhecidos e representados por Pedro. Os pilares marcados pela madeira com seus veios naturais, as escadas e escorregadores, tudo estava ali, registrada detalhadamente por Pedro, que levou tempo nas suas investigações posteriormente

desenhadas.

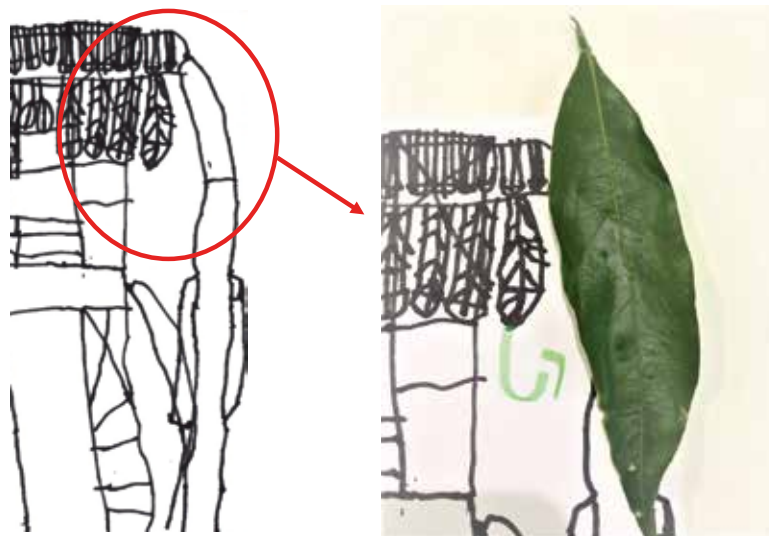
Observe a evolução deste registro, a 3ª sessão oportunizou um olhar reflexivo no desenho de Pedro.

Figura 4 – Desenho terceira sessão



Fonte: Arquivo pessoal. Pedro, agosto/2021.

Figura 5 – Detalhe ampliado da folha



Fonte: Arquivo pessoal, agosto/2021.

1.7 Quarta sessão: Desenho de memória

Material disponibilizado: Caneta retroprojeter preta, folha ofício branca A4.

A última sessão retoma a proposta da primeira, em que as crianças representam a casa da árvore a partir das memórias. Os registros apresentam a ampliação gráfica das crianças. Em seu desenho Pedro traz elementos que já havia apresentado em outras sessões, seguindo alguns padrões (criados por ele), como o formato da casa, as folhas, os pilares de madeira (que eram seu ponto de partida) e acrescentando novos detalhes.

Seu desenho revela uma nova perspectiva, apresentando profundidade e dimensionalidade diferente do padrão habitual evidenciados na escada, banco e rampa.

Um outro detalhe que chama a atenção é um pequeno risco que aparece em seu desenho,

e o questiono:

“-Pedro o que é isso? Esse risquinho aqui?”

“-É um barbante que tem lá pendurado!”

-“Barbante?”

“-Sim, que a profe uma vez pendurou um saquinho com água colorida!”

Este pequeno detalhe acrescentado por Pedro em seu desenho revela que a investigação não acaba quando termina a sessão. E que além do proposto por mim, a observação da casa da árvore, o olhar do Pedro foi além, ele enxergou um pequeno barbante para meus olhos, mas que ao seu olhar, gerou inquietação, trouxe lembrança, curiosidade e levou a necessidade de tornar visível com seus traços este detalhe. Pedro foi além da casa da árvore, ele viu uma miudeza, como diria Manoel de Barros.

A memória também propicia um ato criativo. Ela não é somente restauração e repetição. A memória resgata lá do fundo da gaveta reminiscências que se tornam novos repertórios para novas associações. (...) a memória é aliada da imaginação. A memória retém dados, fatos, signos gráficos que nasceram de um presente, de uma atenção, de uma observação. São cartas na mão para serem lançadas: existem em potencial. A memória gera um espaço vivencial interpenetrando nas frestas do imaginário. (DERDIK, 2020, p.78)

Pedro olhou para o barbante, mas não era somente aquele fio que ele gostaria de registrar. Era a lembrança de uma vivência significativa que aconteceu naquele espaço. Uma memória afetiva. Esta foi a última sessão proposta e ao observar o desenho final, viu-se que o olhar de Pedro, trazia diferentes traços e diferentes possibilidades de graficamente manifestar sua interpretação da casinha da árvore.

Não interessava para Pedro se era a casinha da árvore simplesmente, para Pedro, desenhar aquele objeto solicitado remetia a boas lembranças. Que não passavam despercebidas, muito menos ficariam esquecidas em seu desenho.

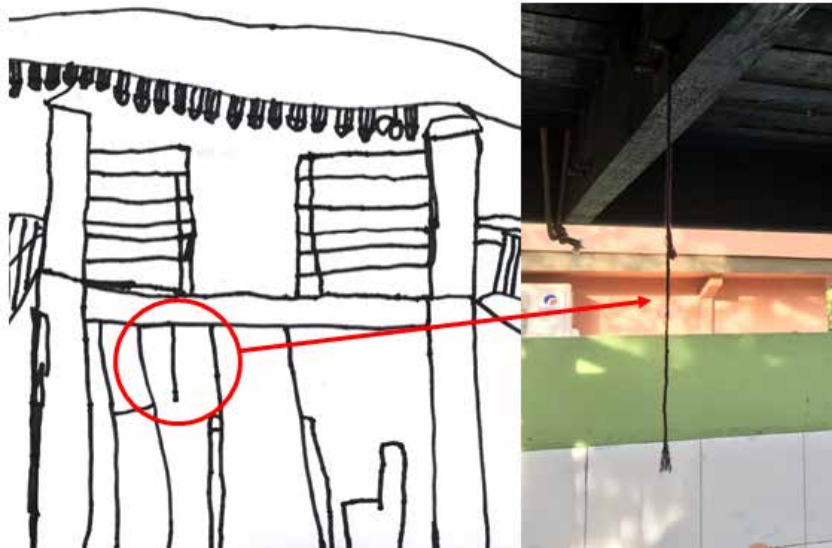
Veja o desenho de Pedro, e no detalhe o barbante que chamou sua atenção e mereceu aparecer em seu registro.

Figura 6 – Desenho quarta sessão



Fonte: Arquivo pessoal. Pedro, agosto/2021.

Figura 7 – Detalhe ampliado do barbante



Fonte: Arquivo pessoal, agosto/2021.

Conclusão

Propor uma investigação gráfica para um grupo de crianças levou a possibilidade de investigação maior e principal sobre minha prática ao apresentar propostas de desenhos para as crianças que sou professora. Digo certamente, que o maior paradigma rompido foi o meu, pois fui constituída como uma professora em que desenhar na escola era passatempo ou restrito a produzir cartões para datas comemorativas e decorar cartazes de “trabalhos”.

Nós, educadores fomos formados em uma escola tradicional, onde o belo e o que tinha valor, eram padronizados e estereotipados, e para sermos bons, seguíamos à risca as orientações que recebíamos. Romper com os paradigmas propostos chega a nós, hoje educadores, como possibilidade de ampliarmos nosso olhar para os registros gráficos das crianças e também com olhar crítico sobre nossa capacidade de desenhar. Como nos lembra Barbieri, “aprendemos a desenhar, desenhando. Quanto mais desenhamos, mais possibilidades percebemos. O desenho é um jogo imaginativo, no qual podemos experimentar vários caminhos.” (2012, p.88)

A Investigação gráfica seguindo os 4 passos propostos são uma das muitas possibilidades que existem para ampliarmos a reflexão e olhar da criança sobre o objeto registrado. Criar espaços em que pequenos grupos e com diferentes sessões, oportunizaram que a cada registro que surgia, a ampliação gráfica acontecesse naturalmente, tendo Pedro contato com a casa da árvore de maneira direta ou revisitando suas memórias ao estar explorando este espaço com seus amigos. Como afirma, inquieta e desacomoda Diefenthäler, nesta sua constatação:

Se queremos enriquecer as produções gráficas das crianças, precisamos enriquecer as propostas que desenvolvemos com elas. precisamos ser professores criativos para que possamos alimentar os processos de criação na escola. (p.150, 2021)

E para conseguir isto, existe fórmula ou receita? Não! Exige de nós educadores, pesquisa e leituras, e confesso que ao longo do percurso desta constante constituição de ser professor, erros e acertos também. Que possamos explorar muitas materialidades, descobrirmos e brincarmos

com diferentes riscantes e deixar que estas marcas fujam dos papeis brancos de ofício. Que possamos experimentar a linguagem do desenho nós também adultos, para podermos ampliar nossa compreensão de mundo, nossa compreensão de arte, nossa compreensão sobre o desenho de uma “casinha”. Que nos deixemos tocar pelas minúcias e ouvir atentamente o que os desenhos das crianças nos comunicam. Que estejamos atentos e sinceramente comprometidos em não permitir que as reproduções e repetições de padrões de grafismos perpetuem em nossas escolas, oportunizando e valorizando a capacidade criativa e singular que as crianças tem de se comunicar graficamente.

Creio que a tarefa de um professor seja estar ao lado da criança e, quando necessário, por meio de intervenções focadas, promover aquela qualidade de relação que as crianças facilmente têm com as coisas que as circundam ou com o que estão fazendo. (VECCHI, 2017, p. 63).

Desejo, verdadeiramente, que mais professores, assim como eu, se inquietem e que essas inquietações promovam encontros mais de perto com as crianças que habitam nossas salas de referência, nossas escolas. Que estejamos ao lado das crianças. O percurso de investigação gráfica foi o meu pontapé inicial para entender a importância do rompimento de estereótipos, mas foi só o início desta caminhada de profundo respeito pela linguagem do desenho, umas das tantas que as crianças gentilmente usam para expressar e registrar o mundo. Que elas possam fazer isso livres e criativamente.

Referências

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo:Blucher, 2012. 162p (Coleção InterAções)

DIEFENTHÄLER, Daniela Linck. A Arte Contemporânea como provocação para desconstrução dos estereótipos visuais infantis. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. (orgs). **Arte contemporânea e docência com crianças: inventários educativos.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2021.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil.** 3.ed. São Paulo: Panda Educação, 2020. 160p.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância.** Trad. Thais Helena Bonini. 1.ed. São Paulo: Phorte, 2017. 328p.